

Calabar – o elogio da traição, de Chico Buarque e Ruy Guerra - Uma Radiografia Estética
dos *Anos de Chumbo*

Christian Alves Martins – PPG-UFU

A mais bela
De todas as certezas
É quando os fracos
E desencorajados
Levantam suas cabeças
E deixam de crer
Na força de seus
opressores.

Bertold Brecht

Nosso trabalho tem como principal objetivo a análise da peça teatral Calabar – o elogio da traição (1973), texto escrito por Chico Buarque de Hollanda em parceria com o cineasta Ruy Guerra, com o fim de descortinar a historicidade presente na peça. Em verdade, nossa proposta é compreender o passado através da arte. Para tanto, a obra *Calabar – O elogio da traição* será adotada como nosso documento central, subsidiado por coerente revisão bibliográfica envolvendo a linha Teatro e História.

Fruto de exaustiva pesquisa histórica, os autores da peça fazem uma verdadeira “viagem” até o Nordeste do século XVII, durante as Invasões Holandesas, para revisar a história de Domingos Fernandes Calabar, considerado traidor por abandonar o *front* português, e passar para o lado dos invasores batavos.

Que tipo de traição, estaria sendo elogiada na peça? Afinal, quais são os traidores da pátria? Na década de 1970, o que significava ser herói ou traidor?

Em verdade, a peça é uma alegoria histórica que aborda a questão do patriotismo e da traição, numa clara alusão à conjuntura política do período em que foi escrita. Para tanto, os autores utilizam a relação passado/presente entre o Nordeste do século XVII e o Brasil do início da década de 1970.

Para este Simpósio, propomos fazer um recorte a partir deste projeto maior, com o intuito de refletir sobre as linguagens estéticas que a publicação da peça utilizou, como as artes plásticas, o texto dramático e a música/poesia, como forma de compreender o momento histórico na qual ela foi escrita.

De início, a capa do livro já traz muitos códigos repletos de significados. Um velho muro, de aspecto lúgubre, pichado com a palavra “Calabar” e cores bem sombrias foi encomendado pelos autores da peça à pintora e desenhista carioca, Regina Vater.

A capa esta impregnada de representações simbólicas que possuem fortes relações com as lutas de poder travadas naquele tempo. Chartier escreve que todo historiador trabalha com uma representação do real: o documento. Contudo, este conceito é ampliado quando a representação denota a substituição do ausente, como um artefato, uma escultura ou uma montagem teatral, que possa representar a historicidade de seu tempo, produzindo práticas sociais e combates políticos, pensando no campo simbólico o palco de lutas. Sobre isto ele assevera que:

Numerosos foram os trabalhos de história que manipularam recentemente a noção de representação. Há duas razões para isso. De um lado, o recuo da violência, que caracteriza as sociedades ocidentais entre a Idade Média e o século XVIII e que decorre da confiscação (ao menos tendencial) do monopólio sobre o emprego legítimo da força pelo Estado, faz com que os confrontos sociais fundados sobre os afrontamentos diretos, brutais, sangrentos, cedam cada vez mais o lugar a lutas que têm por armas e por fundamentos as representações. De outro lado (...) definiu-se assim uma história das modalidades do fazer-crer e das formas da crença, que é

antes de tudo uma história das relações simbólicas de força, uma história da aceitação ou da rejeição pelos dominados dos princípios inculcados, das identidades impostas que visam a assegurar e perpetuar seu assujeitamento¹.

No momento que celebramos a consagração da imagem como instrumento de força, denotamos que a capa da peça não é ingênua. A mesma estabelece fortes relações com as mensagens de protesto e contestação política, pichadas à surdina, nos muros, durante a Ditadura Militar.

Além das artes plásticas, através da linguagem literária, a peça Calabar transmite claramente pistas do momento pulsante do início da década de 1970, época em que a peça fora escrita. Podemos ilustrar esta afirmativa com o trecho em que fica evidente sua vinculação com a liberdade e a temática imperialista:

“Um dia este país há de ser independente. Dos holandeses, dos espanhóis, portugueses...Um dia todos os países poderão ser independentes, seja lá do que for. Mas isso requer muito traidor. Muito Calabar. E não basta enforcar, retalhar, picar... Calabar não morre. Calabar é cobra de vidro. E o povo jura que o cobra de vidro é uma espécie de lagarto que quando se corta em dois, três, mil pedaços, facilmente se refaz².”

A alusão desta fala à conjuntura política daquela época é evidente. O trecho insinua claramente o período de opressão que a nação estava submetida desde 1964. O trecho “enforcar, retalhar, picar...”, por exemplo, sugere o *modus operandi* da repressão policiaisca dos *Anos de Chumbo*. A tortura foi largamente usada, nos porões do Regime, na desarticulação de opositores.

Por fim, a linguagem musical está ativamente representada na peça. Não poderia ser diferente haja vista a vivência de Chico Buarque como músico e letrista.

Todas as músicas compostas em parceria com Ruy Guerra, exclusivamente para a peça teatral, formam uma verdadeira simbiose com o texto dramático e naturalmente carregam marcas da época em que foram produzidas, como é o caso da música *Vence na Vida Quem Diz Sim* em que se discutem temas candentes daquele período como liberdade, tortura e traição:

Vence na vida quem diz sim.

Vence na vida quem diz sim.

Se te dói o corpo,

Diz que sim.

Torcem mais um pouco,

Diz que sim.

Se te dão um soco,

Diz que sim.

Se te deixam louco,

Diz que sim.

Se te babam no cangote,

Mordem o decote,

Se te alisam com o chicote,

Olha bem para mim.

Vence na vida quem diz sim,

Vence na vida quem diz sim³.

Ou então a emblemática *Fado Tropical*, com seus arranjos melancólicos e melodias lusitanas, que fala sobre patriotismo, autoritarismo e ingratidão:

Oh, minha mãe gentil.

Te deixo, consternado,

No primeiro abril.
Mas não sê tão ingrata,
Não esquece quem te amou.
E em tua densa mata
Se perdeu e se encontrou
Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal,
Ainda vai tornar-se um imenso Portugal⁴.

Assim, seja na imagem, no texto ou na música, ficam patentes as representações de seu tempo, observadas na peça, através destas linguagens artísticas. Isto corrobora para nosso estudo de que os autores, como afirmou Chico “falava através de personagens, enxergava através de outros olhos”⁵ o contexto em que viviam, através da obra em análise.

Notas

1. CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002., p. 94-95
2. Ibid., p. 90
3. Ibid., p. 80.
4. Ibid., p. 14
5. BUARQUE, Chico. Chico Buarque completa 50 anos amanhã. **Folha de São Paulo**, São Paulo, junho de 1994. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br>>. Acesso em 06 jun. 2005.